

TRABALHO EM MARX/ENGELS E A APROPRIAÇÃO DESSE CONCEITO POR VYGOTSKI

Adriane Cenci – Universidade Federal de pelotas (UFPel)
adricenci@hotmail.com

Eixo 5: Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação, trabalho como princípio educativo)

Resumo: Trabalho aqui será entendido como a transformação da natureza pelo homem. Estudando o legado teórico de Vygotski se percebe aí influência significativa das ideias de Marx, sendo que o conceito de trabalho é um ótimo exemplo para demonstrar tal aproximação. Nessa direção, o que aqui se apresenta caracteriza-se como um ensaio teórico que busca lançar algumas ideias sobre o conceito de trabalho na Teoria Histórico-Cultural – de modo algum se esgotam as possibilidades de relações, trata-se, antes sim, de uma interpretação, uma leitura que aponta encontros nas proposições de Marx/Engels e de Vygotski. Na análise da categoria de trabalho propõe-se dois momentos, o primeiro que percebe o trabalho como alienação e o segundo que o entende como atividade vital. Esse duplo caráter explica-se a partir da análise histórica do trabalho na humanidade. Resumidamente, pode-se afirmar que o trabalho possibilitou ao homem tornar-se humano, mas a divisão social do trabalho na sociedade capitalista acaba alienando o homem nesse processo. Assim, o homem primitivo que no trabalho desenvolveu as ferramentas para ampliar a ação de seus órgãos sob o meio, a sociedade capitalista veio transformado-o em ferramenta, em máquina.

Palavras-chave: Trabalho. Vygotski. Marx. Alienação. Atividade vital.

Introdução

Trabalho aqui será entendido como a transformação da natureza pelo homem. O conceito de trabalho tem aparecido em muitas construções teóricas de diferentes áreas. Nos escritos de Marx e Engels tem centralidade e a importância das reflexões estabelecidas por eles tem sido apropriada por outros estudiosos de modo a carregar o conceito de trabalho para outras áreas de investigação. Nessa perspectiva, temos visto várias pesquisas na Educação que tomam o trabalho como categoria a ser investigada e desenvolvida em articulação com os temas referentes à escola e escolarização. O que se propõe no texto difere delas. Na verdade trata-se, muito mais, de uma melhor compreensão da própria ideia de trabalho do que a aplicação prática do conceito. Estudando o legado teórico de Vygotski¹ aí se percebe influência significativa das ideias de Marx, sendo que o conceito de trabalho é um ótimo exemplo para demonstrar tal aproximação.

¹ Essa é a grafia escolhida e que será utilizada ao longo do texto: Vygotski. Contudo, alguns autores e traduções trazem de modo diferente: Vygotsky ou Vigotski – preserva-se o original das obras ao transcrever citações e referências.

Nesse sentido, nos últimos anos podemos acompanhar pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo de Vygotski tentando resgatar os fundamentos que balizaram as ideias do teórico bielorusso mostrando as relações que ele estabelece com as proposições marxistas. Contudo, a maioria dessas pesquisas – merece destaque as análises de Duarte (2000) e Tuleski (2008) – têm se dedicado a questão do método. Esse é, de fato, o aspecto que Vygotski melhor demarca/desenvolve com relação a Marx.

Vygotski se ocupou em vários escritos com a discussão da metodologia e nas pesquisas que expunha buscava resgatar a análise do método. Ele percebia que a Psicologia da época estava em crise, carecia de unidade para constituir-se ciência, acreditando que a raiz das dificuldades estaria na questão do método². Para Vygotski seria preciso construir na Psicologia categorias tais as que Marx estabeleceu para a análise da sociedade: “A Psicologia precisa de seu *O Capital* – seus conceitos de classe, base, valor, etc. – com os quais possa expressar, descrever e estudar seu objeto” (2004, p.393).

É importante ressaltar que Vygotski não estava se referindo a utilização das mesmas categorias; para o autor a Nova Psicologia não deveria simplesmente apanhar as citações e conceitos de Marx, mas sim construir os seus próprios. Uma aplicação direta do materialismo dialético não lhe parecia acertada, era necessário compreender a essência do método de Marx e apreender da própria Psicologia seus princípios gerais.

A discussão aprofundada do método mereceria uma análise a parte, e é frutífera a reflexão nesse sentido³. No entanto, aqui a proposta é discutir especificamente o conceito de trabalho.

Esclarece-se que a análise que se faz da categoria de trabalho em Marx e Engels é bastante elementar (para não dizer limitada), mas já possibilita compreender tópicos essenciais do pensamento dos autores. Dialogar-se-á basicamente com dois textos: “Trabalho Alienado” escrito por Karl Marx, parte dos “Manuscritos Econômico-Filosóficos” (1844) e “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem” de autoria de Friedrich Engels (1876). Para a leitura dessas obras também se busca fundamentação nos comentários de Manacorda (1991).

Resgatam-se ainda algumas ideias de Marx e Engels que o próprio Vygotski e seus colaboradores e seguidores expõem. Ao voltar-se para a obra de Vygotski buscam-se aquelas

² Método compreendido de forma ampla, não apenas como procedimento. É este o sentido da palavra utilizado ao longo do texto.

³ Há bastante material a ser considerado na discussão do método. Preferi aqui apenas pontuá-lo de modo a não deixar passar essa questão importante quando se propõe pensar confluências entre Marx e Vygotski.

passagens nas quais o autor discorre sobre a questão do trabalho e outros conceitos a ele relacionados.

Nessa direção, o que aqui se apresenta caracteriza-se como um ensaio teórico que pretende apenas lançar algumas ideias sobre o conceito de trabalho na Teoria Histórico-Cultural – de modo algum esgotam-se as possibilidades de relações, trata-se, antes sim, de uma interpretação, uma leitura que aponta encontros nas proposições de Marx/Engels e de Vygotski.

Trabalho em Marx/Engels e a apropriação desse conceito por Vygotski

O trabalho ocupa lugar de destaque na proposta teórica de Marx e Engels. Porém a compreensão desse conceito na obra dos autores requer atenção, uma vez que o significado do trabalho muda conforme o contexto em que o conceito é empregado. Manacorda (1991) pontua que a expressão “trabalho” pode significar tanto a atividade do trabalhador, como o produto dessa atividade e, principalmente, que o trabalho teria dois sentidos: uma expressão negativa, como alienação, e outra com o sentido de atividade vital.

Em grande parte dos escritos de Vygotski predomina o trabalho entendido como atividade vital, o que não significa que ele ignore o caráter alienante deste – aborda o segundo sentido do trabalho, especialmente, em texto que discute e reitera as ideias de Marx/Engels, em “A Transformação Socialista do Homem”. De todo modo, dá-se sequência abordando os dois sentidos buscando compreender o que está em jogo nesse duplo caráter que se nos apresenta o trabalho.

Trabalho como alienação

A “expressão negativa” de trabalho é exposta com clareza por Marx nos Manuscritos Econômico-Filosóficos. O trabalho como alienação seria pressuposto da economia política, entendido juntamente com as premissas de propriedade privada, de separação do trabalho, capital e terra, bem como de salário, lucro, arrendamento, competição, valor, troca, mercadoria, etc. (MARX, 1844). É o trabalho assalariado produtor de capital.

Nessa acepção de trabalho, o próprio trabalhador torna-se mercadoria. Aí Marx vê um primeiro nível de alienação: a alienação do trabalhador em seu objeto – quanto mais o trabalhador produz, mais valor ele cria e menos ele passa a valer.

Sendo esse trabalho exterior ao trabalhador, Marx demarca outro nível de alienação: a alienação com o processo de produção. O trabalho aparece como forçado, não para satisfazer necessidades diretas, mas como meio para suprir outras necessidades.

Um terceiro nível de determinação é a alienação do próprio ser humano, do ser genérico. O trabalhador perde o “humano” ao trabalhar somente para sobreviver, para manter a existência – de modo que se torna igual aos animais ao abdicar de sua atividade vital consciente:

A atividade vital consciente distingue o homem da atividade vital dos animais: só por essa razão ele é um ente-espécie. Ou antes, é apenas um ser auto-consciente, isto é, sua própria vida é um objeto para ele, porque ele é um ente-espécie. Só por isso sua atividade é atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, pois o homem, sendo um ser autoconsciente, faz de sua atividade vital, de seu *ser*, unicamente um meio para sua *existência* (MARX, 1844, p.24).

Nesse ponto poderia ser proposta uma aproximação com os conceitos de espécie humana e gênero humano e de indivíduo em-si e indivíduo para-si elaborados por Duarte⁴ (2001). Ele define o âmbito do em-si relacionado à espécie humana enquanto ser biológico (espécie humana), como individualidade espontânea não acompanhada de reflexão; já a categoria do para-si sintetizaria as possibilidades máximas de desenvolvimento livre e universal da individualidade, é a formação do indivíduo numa relação consciente com o gênero humano – gênero humano expressando a síntese, em cada momento histórico, de toda objetivação humana até aquele momento. Duarte exemplifica esses conceitos de em-si e para-si:

As objetivações genéricas em-si formam a base da vida cotidiana e são constituídas pelos objetos, pela linguagem e pelos usos e costumes. As objetivações genéricas para-si formam a base dos âmbitos não-cotidianos da atividade social e são constituídos pela ciência, pela arte, pela filosofia, pela moral e pela política. As objetivações genéricas em-si são produzidas e reproduzidas pelos seres humanos, sem que necessariamente estes mantenham uma relação consciente com essas objetivações e com o processo de sua produção [...] O mesmo não se pode dar com as objetivações genéricas para-si [...] o processo de constituição da esfera das objetivações para-si foi um grande avanço na humanização do gênero humano (DUARTE, 2001, p.32-33).

Compreende-se objetivação como produto do trabalho e do conhecimento desenvolvidos e acumulados historicamente. Duarte (2001), apoiando-se ainda em Marx, vê a dualidade do desenvolvimento das objetivações para-si, que por um lado constituem-se em

⁴ Newton Duarte é pesquisador brasileiro que vem se dedicando ao estudo, principalmente, de Vygotski e Marx. No estudo que faz do que denomina vida cotidiana, na qual relaciona os conceitos de em si e para si, também busca fundamentação em Agnes Heller.

desenvolvimento do gênero humano, e por outro, por esse processo surgir da divisão social do trabalho, reproduzem também a alienação.

Finalizando essa “conversa” com Duarte, o autor defende que se supere o reino das necessidades ligado à manutenção da vida cotidiana, à esfera do em-si. O desenvolvimento pleno do indivíduo se efetivaria somente nas objetivações genéricas para-si, ou seja, na atividade vital consciente. Nisto ainda faz referência a ideia vygotskiana da importância da apropriação pelo indivíduo da experiência, dos conhecimentos produzidos historicamente (ciência, arte, moral, etc.), que é nesse processo que o indivíduo se apropriaria da humanidade, fazendo-se humano (gênero humano).

Do processo de alienação no trabalho exposto nos Manuscritos de 1844, ainda há um quarto nível de manifestação da alienação: o homem acaba alienado dos outros homens. Os homens não se relacionam mais como sujeitos, apenas como trabalhadores; o homem estranho ao próprio homem.

Resumidamente, apontam-se as diferentes alienações como consequência uma da que lhe antecede; assim tem-se: 1º) alienação do produto, 2º) alienação do processo, 3º) alienação da humanidade, 4º) alienação das relações sociais.

Ao falar da atividade humana como trabalho alienado é imprescindível demarcar que essa alienação é um resultado histórico, originária da divisão social do trabalho que cada vez torna-se mais acentuada. Assim tem-se a divisão entre trabalho manual e trabalho mental, entre atividade espiritual e atividade material, entre o prazer e o trabalho, entre a produção e o consumo (MANACORDA, 1991).

A divisão do trabalho acaba por dividir o próprio ser humano, que já não pode desenvolver-se como ser inteiro, mas que vale mais pela capacidade de repetição e especialização em determinada parte do processo produtivo. Vygotski, tendo como referência as teses de Marx comenta:

Em um extremo da sociedade encontramos a divisão [alienação] entre o trabalho intelectual e o material, a separação entre a cidade e o campo, a exploração implacável do trabalho de crianças e mulheres, a pobreza e impossibilidade de um desenvolvimento livre e omnilateral do pleno potencial; e no outro extremo, folga e ostentação. De tudo isso resulta não só que o tipo humano autenticamente útil diferencia-se em vários tipos, de diferentes classes sociais – como estes, por sua vez, permaneçam em agudo contraste entre e outros –, mas também a corrupção e a distorção da personalidade humana, assim como uma sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral, no interior mesmo de todas essas diferentes variantes tipológicas humanas (VIGOTSKI, 1930, p.3).

De todas as possibilidades de desenvolvimento do potencial humano parece que descambamos ao polo oposto, espécie de involução. Sacrificam-se grande parte das faculdades físicas e espirituais para que se desenvolva apenas uma forma de atividade. Aqui a análise histórica defendida por Vygotski (1930, 1995, 2004) e também por Marx e Engels, faz relembrar que esse “resultado” não é inerente ao trabalho ou a produção de modo geral, mas sim às formas capitalistas de divisão do trabalho, de industrialização, de divisão de classes, etc.

Contudo, essa mesma análise histórica, olhando adiante, aponta que a superação da condição de unilateralidade estaria contida no processo mesmo de produção capitalista, uma vez que o trabalho encarado de outro modo é essencial ao desenvolvimento omnilateral do homem – na combinação de ensino e trabalho, de trabalho físico e trabalho intelectual é que se podem desenvolver as potencialidades humanas por completo.

Trabalho como atividade vital

Antes de ser alienação, o trabalho é atividade que confere as características singulares do próprio homem. Engels (1876) defende a ideia: “[O trabalho] É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. Em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (p.4).

O homem passa a se diferenciar dos animais quando cria/produz meios para satisfazer suas necessidades. O animal se faz de imediato uno com sua atividade vital, estabelece uma relação direta para suprir as necessidades.

Vygotski (1995, 2009) se apropria dessa ideia ao afirmar que o homem não se relaciona diretamente com o mundo, mas sempre em relações que são mediadas através de signos e ferramentas. O conceito de ferramentas (ou instrumentos) tem relação direta com a categoria de trabalho. O homem faz da natureza corpo inorgânico, nas ferramentas amplia seu próprio corpo e no processo de modificar o meio também modifica a si mesmo.

Engels (1876) destaca ainda que com o desenvolvimento do trabalho também foi-se multiplicando as atividades em grupo; e a atividade conjunta criou a necessidade de comunicação, de dizer algo uns aos outros. Desse modo, também podemos apontar a linguagem, a origem dos signos, no trabalho. Então, no trabalho se origina a cultura e a história humanas.

O desenvolvimento dos signos e ferramentas permite o homem controlar a própria conduta. Enquanto as ferramentas ampliam a ação, modificam elementos externos, os signos –

compreendidos como ferramentas psicológicas – ampliam capacidades as cognitivas. Aqui aparece a ideia de internalização⁵ e de desenvolvimento das funções psicológicas superiores⁶ que perpassam grande parte da obra de Vygotski; daí também a ênfase dada à linguagem⁷ no desenvolvimento humano. Dessa forma, graças aos signos, o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo.

Nos mesmos dois aspectos – signos e ferramentas – Engels (1876) estabelece a evolução dos símios ao homem: “Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano” (p.12). E mais adiante complementa: “O trabalho começa com a elaboração de instrumentos” (*ibid*, p.15).

Poder-se-ia esquematizar a evolução dos símios ao homem primitivo (aspecto no qual se detêm Engels) e do homem primitivo ao que Vygotski e Luria vão chamar de homem cultural, os autores explicam assim essa segunda fase de evolução:

Sob pressão imediata das condições externas, o homem, em sua luta ativa com o mundo exterior, aprendeu a não usar diretamente suas capacidades naturais na luta pela existência, mas a desenvolver primeiro métodos mais ou menos complexos para ajudá-lo nessa luta. No processo da evolução, o homem inventou ferramentas e criou um ambiente industrial cultural, mas esse ambiente alterou o próprio homem; suscitou formas culturais complexas de comportamento, que tomaram o lugar das formas primitivas. Gradativamente, o ser humano aprende a usar racionalmente as capacidades naturais. A influência do ambiente resulta no surgimento de novos mecanismos sem precedentes no animal; por assim dizer o ambiente se torna interiorizado [internalizado]; o comportamento torna-se social e cultural não só em seu conteúdo, mas também em seus mecanismos, em seus meios. Ao invés de memorizar imediatamente algo de particular importância, o ser humano desenvolve um sistema de memória associativa e estrutural, desenvolvem-se a linguagem e o pensamento, surgem as ideias abstratas e criam-se inúmeras habilidades culturais e meios de adaptação – em consequência do que o adulto cultural surge em lugar do adulto primitivo. Muito embora as funções naturais, inatas, sejam semelhantes no homem primitivo e no homem cultural ou, em alguns casos, possam até deteriorar-se no correr da evolução, o homem cultural difere enormemente do homem primitivo pelo fato de que um enorme repertório de mecanismos psicológicos – habilidades, formas de comportamento, signos e dispositivos culturais – evoluíram no correr do processo de desenvolvimento cultural, como também pelo fato de que toda a sua mente se alterou sob a influência das condições complexas que o criaram (VYGOTSKY, LURIA, 1996, p.179-180).

⁵ Internalização é a reconstrução interna das operações externas. Para Vygotski (1995) toda operação interna – o pensamento – é antes operação externa. É a passagem do que o autor denomina plano interpessoal para o plano intrapessoal. Passam de funções interpsicológicas pra intrapsicológicas.

⁶ As funções psicológicas superiores são mecanismos psicológicos mais sofisticados, típicos do ser humano, que envolvem controle consciente do comportamento, ação intencional e liberdade em relação às características do momento e espaço presentes. Diferem assim das funções psicológicas elementares, que são aquelas presentes na criança pequena e nos animais, como, por exemplo, reações automáticas, ações reflexas e associações simples – essas são de origem biológica (VYGOTSKI, 1995).

⁷ Resumidamente, para Vygotski (1995, 2009), é a linguagem (linguagem estruturada – língua) que possibilita a organização do pensamento.

A citação é extensa, mas importante apresentá-la pois sintetiza o que vem-se argumentando sobre a evolução do homem pelo trabalho na criação de ferramentas e signos. E, principalmente, nela os autores exemplificam a proposição comum também a Marx e Engels de que as mudanças históricas que o homem produz na sociedade, na vida material, na natureza, ao mesmo tempo também provocam mudanças, transformam, o próprio homem.

Poder-se-ia dizer que a atividade dos animais também transforma a natureza; contudo não se pode denominá-la trabalho. A atividade dos animais supre necessidades imediatas e são orientadas pelo instinto. Engels (1876) identifica a intencionalidade como fator determinante na diferenciação entre a atividade do homem e do animal. Vygotski propõe a consciência como o que diferencia o trabalho humano da atividade animal e busca em Marx subsidiar essa ideia:

Uma aranha executa operações que se assemelham às manipulações do tecelão, e a construção das colmeias das abelhas poderia envergonhar mais de um mestre-de-obras. Mas há algo em que o pior mestre-de-obras leva vantagem, logo de início, sobre a melhor abelha, é o fato de que, antes de executar a construção, projeta-a em seu cérebro. No final do processo de trabalho, brota um resultado que já tinha existência ideal. O operário não se limita a fazer mudar de forma a matéria que lhe oferece a natureza, mas, ao mesmo tempo, realiza nela seu objetivo, objetivo que ele sabe que rege como uma lei as modalidades de sua atuação e à qual tem necessariamente de submeter sua vontade (Marx apud VIGOTSKI, 2004, p.55).

A consciência, capacidade de planejamento e de antecipação utilizando signos internalizados é processo psicológico tipicamente humano. Enquanto os animais agem por instinto, os homens agem, predominantemente, guiados pela consciência dos próprios atos e resultados desses. Complementando essa segunda acepção de trabalho, a síntese do próprio Engels:

Resumindo: só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e obriga a servi-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho (1876, p.22).

Engels propõe que o trabalho criou o homem, o diferenciou do macaco. Vygotski (1930), apoiando-se nas proposições de Marx, diz que as novas formas sociais de trabalho iriam criar o novo homem – novo homem baseado na coletivização, unificação do trabalho físico e intelectual, nas mudanças de relação entre os sexos, no cultivo das faculdades em todas as direções.

Engels, que tinha estudado o processo de transformação do macaco em homem, disse que o trabalho criou o último. Consequentemente, poder-se-ia dizer que as

novas formas sociais de trabalho irão criar o novo homem e que, esse homem novo, irá se assemelhar ao antigo tipo de homem, o “velho Adão”, apenas no nome (VIGOTSKI, 1930, p.12).

A evolução ao novo homem somente poderia ocorrer com a elevação de toda a sociedade a um tipo diferenciado, mais elevado, de vida social. Desse modo tanto a sociedade humana quanto a personalidade individual dariam o enorme salto “do reino da necessidade ao reino da liberdade”⁸ (VIGOTSKI, 1930).

Considerações finais

Na análise da categoria trabalho, seja considerando seu significado negativo ou positivo, é preciso entendê-lo em seu caráter histórico e não natural. Isso quer dizer, analisar o trabalho em seu processo de desenvolvimento que possibilitou o homem torna-se humano, bem como acabou – devido à divisão social desse mesmo trabalho – alienando o homem no processo. Vygotski propunha que qualquer fenômeno fosse considerado em seu processo histórico: “estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento. Esta es la exigencia fundamental del método dialéctico” (1995, p.67).

De atividade vital o trabalho tem se tornado, na atual sociedade capitalista, atividade alienada. Da divisão das atividades do homem primitivo, que se valia da colaboração coletiva em atividades como a caça, até a máxima divisão da produção que visualizamos hoje no processo fabril, o trabalho vem se transformando na relação com o homem – ou na relação do homem com o trabalho⁹. O homem primitivo que no trabalho desenvolveu as ferramentas para ampliar a ação de seus órgãos sob o meio, tem na sociedade capitalista se transformado ele mesmo em ferramenta, em máquina:

Se “na manufatura e no trabalho artesanal o trabalhador faz uso de suas ferramentas, então na fábrica ele se torna o criado da máquina”. Marx diz que na situação anterior ele inicia o movimento da ferramenta, mas, posteriormente, ele é forçado a seguir seu movimento [da máquina]. Os trabalhadores transformam-se em “extensões vivas das máquinas”, e o resultado é a “tenebrosa monotonia, o infinito tormento do trabalho” que Marx diz ser o elemento característico do período de desenvolvimento capitalista inicialmente descrito (VIGOTSKI, 1930, p.5).

O trabalho como exposto acima, mutila o trabalhador, impede o desenvolvimento do sujeito-trabalhador. A divisão do trabalho nos moldes da sociedade capitalista cria o que Marx

⁸ Vygotski fazendo referência à expressão de Engels.

⁹ Cabe ressaltar que ao associar a divisão do trabalho como o trabalho alienado não se pretende defender a abolição da divisão do trabalho. Até porque no atual contexto de desenvolvimento da sociedade não é cabível pensar a produção total nas mãos de cada indivíduo. A crítica de Marx é direcionada a divisão social do trabalho do modo como se apresenta na sociedade capitalista, como trabalho assalariado.

denomina de unilateralidade, ou seja, o homem não se constitui integralmente no trabalho – esse ou é manual ou é intelectual.

A contradição é que Marx também defende que o homem onilateral (homem “inteiro”, “integral” – que se desenvolve em todos os aspectos) também se realizaria apenas sobre a base do trabalho (trabalho como atividade vital). Aqui retomamos o caráter duplo do trabalho que Manacorda nos auxilia a compreender:

E o próprio trabalhador – apresentando-se o trabalho dividido, ou alienado, como miséria absoluta e perda do próprio homem – também se apresenta como a desumanização completa; mas, por outro lado – sendo a atividade vital humana, ou manifestação de si, uma possibilidade universal de riqueza – no trabalhador está contida também uma possibilidade humana universal (1991, p.68).

Assim, no trabalho está tanto a possibilidade do homem ser unilateral ou onilateral. O primeiro representando as determinações negativas e o segundo as perspectivas positivas da pessoa humana. A definição de seguir por uma ou outra via – unilateralidade ou onilateralidade – vem se desenvolvendo historicamente nos processos produzidos pelo próprio homem; este que me parece cada vez mais unilateral.

Referências

- DUARTE, Newton. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. In: *Educação e Sociedade*. Campinas: Cedes, 2000. ano XXI, n.71. p.79-115.
- DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ENGELS, Friedrich. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 1876. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf>. Acesso em: 03 jul. 12.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1844. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>>. Acesso em: 03 jul. 12.
- TULESKI, Silvana Calvo. *Vygotski a construção de uma psicologia marxista*. Maringá: Eduem, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovih; LURIA, Alexander Romanovich. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovick. A transformação socialista do homem. 1930. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/cont/subjectividade_vigotski.pdf>. Acesso em 11 jul. 12.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras Escogidas. Tomo III*. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica, 2009.